

[DES] CONSTRUIR PARA O PENSAR POLÍTICO NA GEOGRAFIA: DIÁLOGOS NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DA UFFS

Lucas P. Mesquista

ponte.mesquita@gmail.com¹

Luisa R. Tacca

luisa_tacca@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo refletir e apresentar uma forma de propagação dos conteúdos trabalhados a cerca das aulas de Geografia Política no ensino de Geografia na Educação Básica, elaborados pelos discentes do curso de Geografia a partir do Programa Residência Pedagógica (PRP), no subprojeto do campus Erechim, na Universidade Federal da Fronteira Sul. Pensar a Geografia, requer pensar necessariamente no espaço geográfico e nas suas relações internas, que quando competidas a luz da interação política, da autoridade, do poder e das intencionalidades, configuram territórios. A partir de intensas bibliografias da Geografia Política em CCRs do curso, com os conceitos de escalas, poder, nação, fronteiras, para interligar na experiência docente em Geografia, com o despertar de uma educação cidadã e crítica. Após o levantamento bibliográfico e o reconhecimento das interligações entre as conceituações da Geografia Política, e das teorias pedagógicas da educação geográfica, buscou-se o planejamento e a verificação de Planos de Aula conforme a interlocução dessas frentes em oito objetivos específicos que serão explicados e destrinchados neste artigo. As aulas realizados no 9º ano do Colégio Haidée Tedesco Reali no município de Erechim/RS ocorreram no mês de março no âmbito do PRP, após todo um período de reflexão bibliográfica, sínteses, debates e elaboração do Plano de Atividades geral durante a primeira etapa do programa em 2018, com reflexões acerca da Projeto Político-pedagógico do Colégio, da nova Base Nacional Comum Curricular, da estruturação dos conteúdos e do livro didático para orientação, das participações no âmbito escolar de imersão ao espaço de ensino-aprendizagem e na construção de identidade docente.

Palavras-chave: educação cidadã; conflitos geopolíticos; formação inicial docente;

Introdução

¹ Estudante de Graduação em Geografia (Licenciatura) – campus Erechim. Bolsista do Programa Residência Pedagógica; agradecimento a agência de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento e Política de Ensino Superior (CAPES/MEC).



Ao incorporar e se incorporar interno a um processo de formação de professores, e até mesmo a um processo de relação entre Instituições de Ensino Superior e Escolas de Educação Básica é se reconhecer agente e atuante dentro de um campo de forças que envolvem poderes institucionais, informais, reflexivos. Observar e colocar a posto o campo de forças em que surge o programa, criado e iniciado no contexto político de um Governo interino, após um *Impeachment*, e interno a uma política de formação de professores, que envolve frequentemente muitos fluxos de poder, devido ao seu caráter de uma política pública milionária no Brasil.

Entender então necessariamente a conexão entre todos os componentes, integrantes, forças, capitais investidos para não cair na falácia de entender o Programa desconectado na realidade pública e política brasileira, desde já reconhecendo as ótimas possibilidades que estão sendo disponibilizadas em termos da política pública, do colégio integrado, da estrutura universitária, e de boa parte do escopo teórico que guia quanto o Planejamento do PRP, ao Programa Político-pedagógico da Escola e a intrínseca relação que este terá com a nova Base Nacional Comum Curricular, aprovada ainda neste ano de 2018, numa tríade que se respeitam protagonismos ora de um lado, ora de outro dentro da complexa rede de eventos e possibilidades da formação continuada de professores, como aponta a descrição oficial do programa no site da Coordenação de Aperfeiçoamento e Políticas do Ensino Superior (CAPES):

O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. (CAPES, 2018).

São nessas relações cíclicas de protagonismos temporários que podemos enxergar o papel de cada instituição, de cada conteúdo, de cada membro participe do Programa. Situado como Projeto institucionalizado pela Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim, para os alunos das últimas fases do curso de Geografia (Licenciatura) com coordenador local em Erechim pelo Professor Drº Reginaldo José de Souza e sob a supervisão da Preceptora Profª Maria Verônica, contratada regente pela Secretária de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, pela 15º Coordenadoria Geral de Educação, lotada, atuante e influenciada no

Colégio Estadual Haidee Tedesco Reali: colégio integrado e integrante do Programa Residência Pedagógica, também de história e ciências sociais.

O Colégio Haidee Tedesco Reali está localizado no bairro Centro, do município de Erechim, norte do Rio Grande do Sul, e por si já ocupa um imaginário específico de poder devido a sua posição geográfica. Sua localização em uma das duas centrais rótulas da avenida principal do município, frente, por exemplo, a sede do Corpo de Bombeiros da cidade. Com a demanda caracterizada de um colégio central aliado a concepção local do ensino técnico, anteriormente vinculado ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), hoje mantido autonomamente e referência no ensino são pontos que refletem tal estrutura de poder pedagógica.

‘Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática’ é um caminho possível de aproximação com a frente bibliográfica teórica, extremamente necessária e presente, também enquanto forças de poder, inter-relacionando com trechos-chave retirados, por exemplo, da BNCC para elucidar perspectivas atemporais e transdisciplinares:

Desenvolver a autonomia e o senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço envolvendo os princípios da analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. BNCC, 2018.

A partir dessa aproximação e de enxergar presente a proposta dentro do contexto público político, como intrínseco nessas relações, esmiuçar e traçar o processo pedagógico que se tornará presente durante a vigência das atividades. Encarar o verbo ‘*Pesquisar*’ como o carro-chefe da atividade que será desempenhada, no aspecto chave do acreditar no ‘Professor pesquisador’, que além de procurar despertar a autonomia, produz tua própria autonomia, em suas pesquisas, em seus materiais didáticos, em seus passos de planejamento. Pensar este verbo constantemente e necessário em todo ato componente, para dispensar ações automáticas, mecânicas e/ou cheias de segurança.

Ao se identificar em um processo político e entender o seu próprio posicionamento, visto a inexistência de uma educação neutra, a ideia é centrada na interferência da própria escolha dos conceitos guiantes: atuar através do Ensino-aprendizagem por FREIRE (1996), ligado a ação da *didiscência*, interno ao projeto de Educação geográfica, das quatro questões



chaves para o ensino de geografia por CALLAI (2003, 2005); no estímulo da Zona de Desenvolvimento Proximal em VYGOSTKY (1993). Na superação dos dualismos e no entendimento da necessidade de se trabalhar sim os conceitos geográficos na sala de aula (CAVALCANTI, 2005) no sujeito habitante, para e por relações de pertencimento na análise de experiências espaciais cotidianas com reflexão envolvente, atitude investigativa e intervenção para a práxis (LIMA, PIMENTA, 2006) que constrói o conhecimento poderoso com uma visão complexa da realidade social, cultural e ambiental, dentre outras que possam superar o reducionismo (SOUZA, 2011).

Este artigo então se estrutura com base pedagógica histórico-crítica, buscando trazer algumas reflexões centrais em torno da interposição de escalas, do professor reflexivo, do despertar a autonomia e consciência críticas dos estudantes, de entender os processos psicológicos superiores na realidade da sala de aula, de buscar a contribuição dos processos histórico-culturais de cada estudante. Todas estas perspectivas encaradas a luz do pensar Político, e da Geografia Política ao abordar o além da Guerra Fria, ampliando a questões conceituais e de reflexões que interliguem esses objetivos, adentrando no raciocínio geográfico. Dessa forma, estruturamos nosso artigo em oito objetivos específicos que serão explicados e dialogados no decorrer do texto, mencionando as metodologias, as reflexões, a construção e desconstrução de conceitos, informações e alguns resultados com base na escrita dos estudantes.

[Des]Construir o Pensar Político

Pensar politicamente a Geografia requer, para além dos saberes pedagógico pensar também na história da Geografia Política enquanto ramo do pensamento geográfico, ampla é a bibliografia presente a se pensar a construção da trajetória da Geografia Política no Brasil e no mundo (RAFFESTIN, 1993; CASTRO, 2010; EVANGELISTA, 1999; COSTA, 2010). Antes de trazer as referências que embasam o pensar político na Geografia, caminharemos por explicar rapidamente o [des] construir.

Longe de querer estabelecer como inédito um conceito específico aos saberes pedagógicos na Geografia, a ideia do [des] construir está posta e também possui amplo amparo bibliográfico na Pedagogia Histórico-crítica por autores como Vygostky, Saviani, Libâneo,

Wallon como afirma FEIGES (2003). O construir está a partir da compreensão da realidade histórico-social e de explicitar o papel do sujeito como construtor/transformador dessa mesma realidade (CAVALCANTI, 2011). Isto, enquanto interação entre conteúdo e realidade concreta, visando a transformação da sociedade (ação-compreensão-ação). Esta construção é o que ampara, por Souza (2011) um dos fundamentos teóricos, metodológicos da Geografia Crítica na educação:

O processo investigativo é o mais compatível com a ideia de construção de conhecimento, com uma visão complexa da realidade social, cultural e ambiental, dentre outras que possam superar o reducionismo dos processos de ensino e de construção do conhecimento no âmbito escolar. SOUZA (2011, p.52)

A partir da contribuição de Vygostky que Cavalcanti (2005) retrata os processos psicológicos superiores enquanto necessários nessa construção de conceitos. A autora afirma que é pela internalização, enquanto processo de reconstrução interna, intrassubjetiva que se pode dizer enquanto criação da consciência, recusando enxergar a partir da transferência, e sim da transformação, da modificação da compreensão individual, da reconstrução. Souza (2011) traz a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) enquanto uma importante síntese vigotskiana do desenvolvimento, capaz de apropriar e internalizar os elementos do entorno sociocultural. GIROTTO (2011) também traz Vygostky contextualizando com a realidade sociocultural atual, enquanto meio técnico científico informacional, sociedade da informação, *shownalismo*, sociedade do espetáculo, entre outros. O autor afirma que é a partir da provocação dos alunos, em desestabilizar aquilo que parece verdade consolidada (que pode esconder uma forma de controle ideológico), superando ‘*pseudoexplicações*’, a fase do ‘pensamento por complexos’, ou do pseudoconceito (GIROTTO, 2011, p. 143; CAVALCANTI, 2005, p 196).

A partir dessa primeira aproximação, em termos do construir conhecimento, ou [des] construir informações, pseudoconceitos que se baseou o primeiro objetivo específico das aulas ministradas no âmbito do Programa Residência Pedagógica, habilitando um dos pilares da Base Nacional Comum Curricular ao desenvolver a autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico desconstruindo o conceito formal do Capitalismo e do Socialismo, como o presente no livro didático dos estudantes com base em questionamento



sobre a própria observação do mundo atual e das desigualdades socioespaciais e desordens postas.

Há que se destacar diante do que foi dito, que o processo anterior também é processo de nós, residentes, reafirmando o objetivo geral que se propõe este artigo a partir da ideia do professor reflexivo (PIMENTA, 1999) que, no início dessa construção de identidade profissional, também constrói e reconstrói saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, constituindo seus saberes como praticam, aproximando suas experiências pedagógicas a um estatuto epistemológico, refletindo acerca do registro sistemático das experiências para enxergar a intencionalidade, a problematização, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações.

A busca do resgate histórico da Corrida Espacial e da Corrida Tecnológica presentes no período da Guerra Fria foram amparados em uma atitude investigativa desenvolvida no âmbito da sala de aula ao interpor conceitos e ideias presentes à luz da Geografia Política, enxergando a pesquisa enquanto princípio formativo (PIMENTA, 1999). O segundo objetivo específico se construiu com base em leituras específicas da Geografia Política, ou de bases epistemológicas da Geografia, amparadas em Porto Gonçalves (2012) em *A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*. Diretamente, visando estimular a criatividade e o resgate histórico-cultural dos estudantes com base em frases semiestruturadas escritas no quadro, e após isso a escrita da sua primeira reflexão [do aluno] no caderno como metodologia principal.

A utilização das frases “A Terra é Azul”, “Quando considerávamos senhores do mundo, vimos que somos passageiros num pequeno planeta”, “A Terra não tem fronteiras, a não ser as da natureza” presentes no livro de Porto-Gonçalves, para contextualizar os episódios da Guerra Fria: como o primeiro astronauta a ver a Terra do Espaço, Yuri Gagárin; a própria descoberta do espaço sideral, da dimensão da Terra, perante o Espaço, com o projeto espacial da Nave Apolo em 1969; e da primeira noção da humanidade que, ao ver o Planeta de longe, percebe-se que não se vê a diferença de povos, que o que impera no Planeta – é a dimensão da força e do tamanho da natureza; que por mais que os seres humanos estejam imersos em Guerras no presente, a imensidão da natureza e de possíveis eventos extremos impera. Bem como foi rescrito por um dos estudantes, de 14 anos, em suas anotações *‘Essa frase mostra a insignificância humana perante o universo que habitamos, até mesmo o nosso planeta não era*

conhecido totalmente, imagina o espaço. A grandeza humana acaba quando se percebe o estado de nossa ignorância.’ referente as reflexões desenvolvidas.

O terceiro objetivo específico dialogará as mesmas frases presentes em A Globalização da Natureza, com o que GIROTTTO (2011) reafirma da retomada do diálogo da Geopolítica e o Ensino de Geografia ao debater na sala de aula através da frase “Ideias que começam a deixar de ser conceitos filosóficos e científicos para se tornarem imagem”, resgatando o que o autor menciona por Arbex Jr (2001) do Shownalismo, da informação transmutada em neutralidade, da produção e difusão de interesse hegemônicos pelo reino da superficialidade dos fatos histórico espaciais e do reconhecer em sala de aula do privilégio de que apenas alguns podem produzir informações. (GIROTTTO, 2011, p144).

Partir da realidade do aluno, o que ele tem de anterior em termos de conhecimento geográfico, a escolha de uma palavra, a evolução a partir do que ele entendia dessa palavra, quais experiências cotidianas o remetem, como reafirma Cavalcanti (2005) que o conteúdo geográfico implica a comunicação em sala de aula nessa busca de significados extrapolando a experiência imediata do aluno. É nessa experiência imediata, que sustenta o quarto objetivo específico onde, em Souza (2011), também concebe ao desconstruir a linearidade nas escalas, tendo em vista a complexidade do mundo globalizado: ‘Enxergar a totalidade mundo e contextualizar fatos e episódios da Guerra Fria, com acontecimentos atuais’.

“o primeiro satélite artificial da Terra foi lançado do sul do Cazaquistão pela União Soviética no dia 04 de outubro de 1957: o Sputnik”. “Brasil assina acordo que permite aos EUA lançar satélites da base de Alcântara”. “Todos os dias recebemos, via satélite, pelos meios de comunicação, o mundo editado em pedaços”. Presente no Plano de Aula.²

Desta forma, busquemos que os alunos entendessem como essas frases se interligavam com a guerra fria, fazendo os refletir diante do contexto histórico da guerra fria e do atual mundo

² Primeira Frase, fonte: Sputnik, o primeiro satélite artificial, completa 60 anos de seu lançamento. Por TecMundo. Disponível em <<<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/122696-sputnik-primeiro-satelite-artificial-completa-60-anos-lancamento.htm>>. Segunda Frase, fonte: Portal de Notícias G1 Política. Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/18/brasil-assina-acordo-que-permite-aos-eua-lancar-satelites-da-base-de-alcantara.ghtml>> Terceira Frase, fonte: PORTO-GONÇALVES in A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalizaçã.4º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.



globalizando. Assim, trazemos o quinto objetivo específico, fazer a conexão e o diálogo entre as escolas global e local, como descreve Carneiro e Nogueira (2009, p. 26):

Uma prática educativa cidadã, compromissada pela formação de uma cidadania responsável e democrática, deve começar a construir-se a partir do olhar crítico, analítico e problematizador sobre a realidade de vida dos sujeitos-alunos; e que, diante dessa realidade, estabeleça relações mais amplas – em perspectiva global e, para isso, considerando as múltiplas relações e interconectividades de conceitos, temas e problemáticas a serem estudados.

Como os autores descrevem, a partir do espaço vivido dos alunos, estabelecer relações entre o local e global, assim fazendo com que percebam como o global pode afetar a realidade dos mesmo. Neste sentido, procuramos instigá-los sobre as relações de local, com o global, assim exemplificando as conexões, no âmbito da geografia política, para que compreende-se sobre as diferentes relações entre os países e quais são influências e interesses de países desenvolvidos diante dos países subdesenvolvidos.

O sexto objetivo específico é entender as diferenciações nos conflitos da guerra fria, assim trouxemos a frase “exercer o poder é uma contingência de liderança” (AMORIM, PEREZ, 2010), no qual a partir desta frase dialogamos sobre o que é ter poder e porque as duas potências estavam em conflito, tendo assim “[..] durante o período da Guerra Fria, os movimentos das duas superpotências (EUA e URSS) tinham como objetivo avançar sobre as áreas de influências alheias, ao mesmo tempo em que pressupunham ações de neutralização por parte dos adversários.” (GIRROTO, SANTOS, 2010, p.149).

A partir disso, dialogamos com os alunos, sobre os amigos e amigas de cada alunos, no qual tinham pensamentos, ideologias que eram semelhantes, assim como as potências buscavam, ter aliados que visavam os mesmos objetivos. Porém, o que o diferenciava dos estudantes, era a relação de poder, e de influência sobre o outro país, no qual através do poder se tinha uma relação de liderança, diante dos outros países.

Construímos o conhecimento dos estudantes através da utilização do mapa, “o mapa sendo muito mais que caminhos entrelaçados. É um signo repleto de signos.” (CASTROGIOVANNI, 1995), no qual mostramos aos alunos, a localização dos Estados Unidos e da antiga União Soviética e assim dialogamos, como era significante para cada país ter aliados que estivessem próximos do país, no mesmo continente, ou que faziam fronteira e que seguiam do mesmo modelo econômico, para assim estabelecer relações econômicas.

O sétimo objetivo específico, é despertar a consciência crítica ao perceber que os satélites têm intencionalidade, assim com o avanço da tecnologia, com os satélites, com os sistemas de redes, através das redes de informações, como argumenta Santos (p.13, 2000) “a técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente. Cada lugar tem acesso ao acontecer dos outros”, como descreve o Santos, os acontecimentos são divulgados para os demais países ocorrendo uma transmissão de informações. Porém é necessário saber lidar com essas informações, “Não se trata de tarefa fácil. De certa forma, grande parte destas informações já vem com ‘*pseudoexplicações*’ que buscam muito mais ocultar interesses e ideologias do que explicar algo.” (GIRROTO, SANTOS, 2010)

Como o autor argumenta é evidente que as informações que são disponibilizadas são manipuladas, que a instalação de satélites em determinados locais têm intenções e cabe a nós professores de Geografia, dialogar e mostrar para os alunos porque estas informações chegam de tal maneira para o leitor, para que assim, os alunos se tornem críticos e conscientes do que está sendo imposto pela mídia a eles e elas.

Como o autor argumenta é evidente que as informações que são disponibilizadas são manipuladas, que a instalação de satélites em determinados locais têm intenções e cabe a nós professores de Geografia, dialogar e mostrar para os alunos porque estas informações chegam de tal maneira para o leitor, para que assim, os alunos se tornem críticos e conscientes do que está sendo imposto pela mídia a eles e elas, como um aluno descreveu “Todos são manipulados e se você pensar que é diferente e tem controle total sobre suas ações, só mostra o quão ignorante se tornou por conta dessa manipulação. Desta forma que buscamos sempre dialogar com os alunos esses conteúdos para construir sínteses conjuntas e para despertar um olhar crítico dos alunos sobre o mundo em que os cerca.

Considerações finais

A partir deste artigo, buscamos contextualizar e refletir sobre as nossas práticas docente no ensino de Geografia, como residentes do subprojeto residência pedagógica, da Universidade Federal da Fronteira Sul, no *campus* Erechim. A partir das práticas pedagógicas que desenvolvemos, podemos constatar que os alunos se despertaram a pensar sobre a construção



do conhecimento do global ao local, despertando um possível senso crítico, percebido e naturalizado em algumas reações e respostas diante dos próprios questionamentos no decorrer do conteúdo trabalhado em sala de aula.

A ciência Geográfica é uma disciplina fundamental para a compreensão do mundo, pois é através dela que o estudante consegue despertar este senso crítico, podendo analisar e entender sobre os acontecimentos que ocorrem no local e no global. Assim, entende-se que o ensino de Geografia é fundamental para os alunos compreendam e reflitam sobre o mundo em que os cerca, que nesse caso específico, sobre a influência da hegemonia dos Estados Unidos no pós-guerra Fria, as concepções críticas diante da acumulação do capital, os fluxos hierárquicos desiguais após a tomada do capitalismo financeiro, entre outros.

Com este conteúdo da Geografia política, no qual foi construído o conhecimento em sala de aula, buscamos fazer os alunos refletir e [des]construir conceitos e informações. Dessa forma o ensino da Geografia política, colabora para que os alunos repensem sobre a atual divisão econômica, assim entendendo as relações de poder impostas entre os países, as influências e os conflitos que geram. Entrelaçando as diversas escalas, buscando as pontes que reúnam um significado para tais contextos e realidades ditas no cotidiano dos alunos. Reconhecido em um dos desabafos realizados em sala de aula, quando dissemos que a abstração perante aos Organismos Multilaterais era necessária para o entendimento de parte desses ciclos geopolíticos do capital, mesmo que por ora distante da cotidianidade, e escutar na voz de um aluno, a importância reiterada pela consciência crítica acerca da ‘tomada as decisões que influem sobre a gente, mesmo sem nosso envolvimento ou ciência’.

O programa de Residência pedagógica constrói-se muito significativo para a formação profissional, pois proporciona muitas experiências no sentido da imersão ao ambiente escolar, aprendizados e conhecimentos sobre a prática docente construindo e fortalecendo a identidade docente dos residentes. Desta forma a inserção na escola, o dialogo com diferentes profissionais, a observação das dificuldades, das limitações e das possibilidades da escola sempre num panorama retrorreflexivo, com espaços próprios ao debate e discussão com os residentes semanalmente. Embasados em diferentes textos e bibliografias sobre o ensino de Geografia, o programa considera-se de extrema relevância na formação, atingindo seu objetivo de superação dos estágios obrigatórios, bem como formação pessoal, identitária, comunitária, acadêmica e profissional.

Há que se destacar nesse processo a autonomia perante as execuções dos planos de aula, do plano de atividades, da proposta de descentralização na escolha das bibliografias semanais, na colaboração da preceptora, e principalmente a abertura do Colégio Haidee de Tedesco Reali com as propostas vindas dessa formação inicial e continuada do âmbito federal, como os programas de Residência Pedagógica, e do Programa de Iniciação a Docência que também ali se instalaram. Outro ponto de extremo crescimento será a observação nessa imersão da adaptação do corpo docente perante as novas estruturas legislativas educacionais, no qual, será esta escola no âmbito do município que iniciará as propostas, perante as novas bases nacionais curriculares comuns, e a nova proposta do Ensino Médio. Se fazer presente, participar, ouvir, dialogar, nesses momentos é algo imensurável e de extremo crescimento profissional e pessoal para nós residentes, que agora, experimentamos o espaço da Educação Básica, em um caráter mais complexo, dinâmico e integral.

Referências bibliográficas

AMORIM, Maria Cristina Sanches; PEREZ, Regina Helena Martins. Poder e liderança: as contribuições de Maquiavel, Gramsci, Hayek e Foucault. **Revista de Ciências da Administração**, v. 12, n. 26, p. 221-243, 2010.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. Geografia em sala de aula: práticas e reflexões. **Porto Alegre-RS: Editora da UFRGS**, 1999.

CASTRO, I. E. Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições. 3º ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2010.

CAVALCANTI, L. S. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de Conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia. **Cadernos CEDES (Impresso)**, Campinas - SP, v. 25, n.66, p. 185-208, 2005.

_____. Ensinar Geografia para a Autonomia do Pensamento: O desafio de superar dualismos pelo Pensamento Teórico-Crítico. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, 2011. p. 193-203.

EDUCAÇÃO, Ministério de. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. 2018. Disponível em << <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>>. Acesso em <03/11>.



_____ O Programa Residência Pedagógica. 2018. Disponível em <<
<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>>>. Acesso em
<03/11>.

EDUCAÇÃO RS, Secretária de. Projeto Político Pedagógico Colégio Haidee Tedesco Reali.
15ª Coordenadoria Regional de Educação, 2016.

EVANGELISTA, H. A. Geografias Moderna e Pós Moderna. GEOgraphia, Niterói, Ano 1, n.1.
1999.

FEIGES, M. M. F. [et. al.] Concepções e Tendências da Educação e suas manifestações na
Prática Pedagógica Escolar. Setor de Educação da UFPR, Curitiba, 2003.

GARCIA, G. A relação pedagógica como vínculo libertador. Uma experiência de formação
docente. In: PATTO, Maria Helena Souza. (org.). Introdução à psicologia escolar. São Paulo:
Casa do psicólogo, 1997.

GIROTTO, E. D. SANTOS, D. A. A geopolítica e o Ensino de Geografia: Estratégias Didáticas
para a retomada do diálogo. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.3, set./dez. 2011

NOGUEIRA, Valdir; CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Educação geográfica e formação
da consciência espacial-cidadã: contribuições dos princípios geográficos. **Boletim de
Geografia**, p. 25-37, 2009.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA,
Selma Garrido. (Org). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez Editora,
1999. 15-34.

PORTO-GONÇALVES, C.W. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. 4º
ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

RAFFESTIN, C. Crítica da Geografia Política Clássica. Por uma Geografia do Poder. Tradução
Maria Cecília França. Editora Ática: São Paulo, 1993.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. **Rio de Janeiro: Record**, v. 174, p. 25, 2000.

SOUZA, V. C. S. Fundamentos teóricos, epistemológicos e Didáticos no ensino da geografia.
Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 47-67, jan./jun., 2011